

**Notas sobre a crítica como elemento criador de valores***Maria Remedios Brito*

Professora da Universidade Federal do Pará

**Resumo**

O artigo pretende discutir alguns elementos da filosofia de Nietzsche no que diz respeito à sua compreensão de valor e de moral. Nele, destaca-se a crítica como elemento criador de valores, bem como se abre espaço para a reflexão sobre o procedimento genealógico como suporte metodológico da emergência e procedência dos valores morais. Percebe-se que a filosofia nietzschiana vê os valores com dúvida, entendendo que eles estão envolvidos por um perspectivismo linguístico, assim como por aspectos culturais e seus interesses. Os valores não são dados. Ao contrário: são construídos, imersos por um poder-saber em que os homens os criam por necessidades e avaliações. Contudo, os valores também podem ser reexaminados e reconstruídos a partir de novas tábuas valorativas.

**Palavras-chaves:** Nietzsche; Genealogia; Valores; Moral.

**Résumé**

L'article se propose de discuter de certains éléments de la philosophie de Nietzsche en ce qui concerne sa compréhension de la valeur et de la morale. Dans ce document, on met en évidence la critique comme élément créateur de valeurs, aussi bien qu'on ouvre de l'espace pour la réflexion sur la procédure généalogique comme support méthodologique d'émergence et d'origine des valeurs morales. On remarque que la philosophie nietzschéenne voit les valeurs avec le doute, comprenant qu'elles sont entourées par un perspectivisme linguistique, aussi bien que par des aspects culturels et leurs intérêts. Les valeurs ne sont pas données. Au contraire: elles sont construites, elles sont immergées par un pouvoir-savoir où elles sont créées par les hommes en fonction des besoins et des jugements. Mais, les valeurs peuvent également être réexaminées et reconstruites à partir de nouvelles cartes de jugement.

**Mots-clés :** Nietzsche, Généalogie, Valeurs, Morale.

## I

*Nós, imoralistas* – Esse mundo que nos concerne a nós, no qual nós temos que temer e amar, esse mundo quase invisível e inaudível, de comandos e obediências sutis, um mundo de “quase” em todo sentido, espinhoso, insidioso, cortante, delicado: sim, ele está bem protegido de espectadores grosseiros e curiosidades confiantes! Estamos envoltos numa severa malha de deveres, e dela não podemos sair – nisso precisamente somos, também nós, “homens do dever”! Ocasionalmente, é verdade, dançamos em nossas “cadeias” e entre nossas “espadas” com mais frequência, não menos verdade, gememos debaixo delas e somos impacientes com toda a secreta dureza do nosso destino. Mas não importa o que façamos, os imbecis e as aparências falam contra nós, dizendo: “Estes são homens sem dever” – sempre temos os imbecis e as aparências contra nós (Nietzsche).

Nietzsche interpretou questões como: conhecimento, moral, cultura, política, arte, religião, educação, com pouca convencionalidade e foi bastante provocante no tratamento dessas questões clássicas. Deu contribuições efetivas a respeito dos valores morais. Sua atividade filosófica tem como princípio a problematização dessas questões, procurando o estrangeiro, o que foi dogmatizado, mascarado pelo envolto moral e o que banido do teor reflexivo.

Sua filosofia, segundo Marton (2000), chama-se filosofia do meio-dia, filosofia experimental, filosofia dionisíaca. Nela, Nietzsche não admite a existência fora da dimensão terrena, busca desmontar o pensar metafísico, que desvaloriza o mundo, a vida, o corpo, o querer, em nome de um paraíso

ou de uma suposta felicidade extraterrena. Nietzsche combate, efetivamente, a religião cristã, a moral cristã, pois percebe o descaso dado por elas a respeito da vida, desprezando os valores terrenos.

Com sua filosofia do meio-dia ou filosofia à martelada, ele indica que o homem é construtor de sua existência, quebrando, assim, com as visões dualistas. O homem e o mundo tornam-se harmônicos e tensionais, compreendendo-se, completando-se e modificando-se. Ele não é um mero observador do mundo, ao contrário, é fomentador do mesmo. Por isso, o homem não nem um ser que possa ter uma essência imutável, mas é um estar em transição, em movimento, em percurso. O sentido da vida humana não pode permanecer em si mesma, pois percorre em si múltiplas perspectivas, daí o próprio trato com a criação para além de si, sendo que tal criação requer a produção de novas tábuas valorativas, tarefa que Nietzsche nomeia de transvaloração dos valores. Esses valores estarão percorrendo sempre um movimento de criação e destruição. Como afirma Dutra, a criação dos valores deveria ser compreendida “como um movimento incessante de superação: os valores e o sentido são sempre perecíveis, finitos...” (Dutra, 2003, p.95).

Neste contexto, a filosofia de Nietzsche traduz-se num novo pensar, numa nova existência, pois que a vida e o homem integram-se à pulsão livre e criadora. Tal pulsão não é algo em si, uma coisa em si ou uma substância, mas tensões em relação, dinâmicas umas em relação a outras, ou melhor, são forças<sup>1</sup> entre forças, em relação umas com as outras. Como diz Paschoal,

---

<sup>1</sup> O que Nietzsche entende por força não pode ser confundido com a noção mecânica de força. Para ele, não é qualquer tipo de força psíquica, física ou mesmo dinâmica ou alguma forma constante que remeta à ideia de energia. Para ele, a força diz respeito ao atuar, ela só é uma espécie de ação, vale somente no seu agir, não possui um ser, uma existência em si. As forças são vontades, sempre em jogo com outras, que procuram dominar e se tornar dominantes dentro dos desdobramentos em jogo com outras forças. Assim, tais forças são perspectivas quando estão em atuação, em ação no jogo com outras forças. Somente nesses

são “algo que pode ser designado como ‘quantidade de ação’, ‘força em ação’” (1999, p.52). Esses turbilhões de pulsões, de forças, não designam uma finalidade em si, um *telos*, mas uma tensão, sem regras.

Assim, ele pretende desvencilhar-se da universalidade, da fixidez, pondo em xeque seu caráter múltiplo e dinâmico, e sua filosofia pretende desdobrar-se na criação de valores capazes de anunciar uma nova perspectiva.

Sua filosofia afirma que o homem é construtor e avaliador de valores e não é só capaz de avaliar e apreciar o que o cerca, acatando e reconhecendo os valores, mas, também, e principalmente, criando novos valores e exercendo novas valorações, contrapondo-se às ideias de essencialidades e de fundamento básico valorativo.

Nietzsche, por pensar os valores como criações humanas, os quais se constituem a partir da avaliação e da interpretação dos mesmos, criticou a rigidez e a prefixação dos sistemas hierárquicos de valores, pois, como diz: “e guarda-te dos bons e dos justos! Eles crucificam de bom grado aqueles que inventam sua própria virtude” (Nietzsche, 2011, p. 62).

Como crítico das interpretações metafísicas, dos valores, Nietzsche delibera-os como situados no mundo, efetivados pelos homens. Para ele, os valores, e principalmente a moral, estão na esfera da problematização. Destacar essas questões é introduzir as posições nietzschianas a respeito do valor, colocando a crítica como elemento criador e norteador de valorações. Isso é o que se pretende abordar no transcorrer deste escrito.

Além disso, para compreender a emergência e a procedência dos valores morais, a questão genealógica é referenciada como procedimento

---

momentos seria possível dizer que elas “são”.

metodológico, processual e argumentativo. A seguir, serão mobilizadas algumas ideias para tal esclarecimento.

## II

Nietzsche utiliza a estratégia genealógica de estudo para colocar os motivos subjacentes à criação dos valores, as marcas que os constituem, não querendo a unidade, mas o entendimento da pluralidade, o confronto com as forças e com as lutas. Ele também a utiliza para observar às pistas, os fios, as teias daquilo que entra em cena, em que é produzida a herança, a emergência do processo axiológico. Para Nietzsche, o termo genealogia não pode ser entendido como uma fórmula estática e mesmo seu entendimento clássico, como a investigação das origens, deslocamentos, transformações de formas, de instituições e discursos, não remete ao procedimento efetivado por Nietzsche, pois, antes, a genealogia é articulada com uma maneira de interpretação, que ultrapassa a ideia de mera pesquisa e de conhecimentos. Assim,

O procedimento genealógico [...] tem sua origem, em Nietzsche, como uma contraposição, uma resposta efetiva ao ‘mais sinistro dos hóspedes que se instala: a tendência ao conformismo niilista do homem moderno. Segundo Nietzsche, na raiz dessa tendência encontra-se um problema axiológico: a tentativa de cristalização de um conjunto de valores que possui, como meta, a auto-diminuição do homem e, como uma de suas estratégias, para se perpetuar no ‘palco dos acontecimentos’, o reforço à tendência de não se colocar mais a moral e os valores em questão. Portanto, a genealogia tem sua emergência diante da necessidade de se recolocar em

movimento o que tende a se estagnar, a se converter em água parada. (Paschoal, 1999, p. 22)

Por isso, quando se navega pelo pensamento nietzschiano é possível observar a questão dos valores de forma mais ousada e crítica, pois é lícito perceber que na época do filósofo, assim como nos dias atuais, os valores muitas vezes são vistos como dados ou impostos por meio das condições sociais ou mesmo envolvidos por todo um costume, uma linguagem que limita a compreensão mais crítica de como o mesmo é efetivado, impossibilitando perceber a realidade, o mundo e a nós mesmos como indivíduos dinâmicos e inventores.

Neste contexto, a crítica é colocada como elemento de lucidez a respeito da compreensão das forças, dos poderes e interpretações dos valores, e pode-se perceber a dinâmica de suas avaliações valorativas, quais forças são instituídas, quais vontades de poderes são afirmadas, quem institui os valores, quais são seus interesses. É essa dinâmica da emergência e procedência da efetivação dos valores que o trabalho genealógico de Nietzsche faz dinamizar, como pode ser muito bem observado em sua obra *A genealogia da Moral*.

Nietzsche utiliza tal procedimento por entender que não se pode exigir nenhum tipo de transformação dos valores sem que se conheçam os jogos de poderes que os envolvem. Daí a crítica para efetivar o elemento criador de outros valores, pois busca as condições de criação desses valores como possibilidade de colocar em questão o próprio valor dos valores. Assim, Nietzsche, ao colocar em xeque as posições referentes àquilo que vale em si e àquilo que vale para todos, exercita efetivamente a crítica como denúncia:

Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão e para isso é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...] (Nietzsche, 1998, p. 12).

Para Nietzsche, nunca houve uma crítica, um questionamento quanto ao valor dos valores morais, pois se vinha considerando-os como algo instituído como real, fora de qualquer questionamento, pois os valores morais sempre foram tomados como estabelecidos.

Nietzsche é, pois, o filósofo que ousa colocar em questão o valor dos valores. Sua preocupação consiste em trazer à luz as condições históricas dos quais emergiram nossos supostos valores absolutos, colocando em dúvida a pretensa sacralidade de sua origem (Giacoina, O. 2000, p. 25).

A exclusão da crítica acerca do valor não permite o questionamento e o distanciamento para investigar os fundamentos norteadores do significado das raízes dos valores morais. Assim, tal exclusão da crítica impossibilita que se percebam tais valores como produção humana, envolvidos por avaliações e interpretações linguísticas.

Por isso, para Nietzsche (1999), a moral é apresentada como mestre da sedução, pois persuade, entusiasma, busca suprimir a dúvida. Ainda segundo o filósofo, a moral consegue paralisar a vontade da crítica, atraindo-a para o seu lado, chegando mesmo a voltar-se para si mesma.

Desde que o mundo é mundo, autoridade nenhuma se dispôs a ser alvo de crítica; e criticar a moral, tomá-la como problema, como problemática: o quê? Isso não era imoral? Mas a moral não dispõe somente de toda espécie de meios de apavoramento para conservar longe de si as mãos críticas e os instrumentos de tortura: sua segurança repousa mais ainda em certa arte do encanto, na qual é entendida – ela sabe “entusiasmar”. Frequentemente consegue paralisar a vontade crítica com um único olhar e até atraí-la para o seu lado, havendo ocasiões em que sabe fazê-la voltar-se contra si mesmo: de modo que, tal como um escorpião, ela crava o ferrão no próprio corpo. Há muito tempo a moral conhece todas as artes diabólicas da persuasão [...] (Nietzsche, 2004, p. 10).

A moral, assim, formulada tende de certa forma, a prescrever a submissão do racional ao moral. Por isso que Nietzsche insiste para a crítica dos valores morais, porém, antes é necessário discutir, avaliar o valor dos valores, pois, com isso, põe em avaliação as condições e os meios ambientes em que os valores morais nasceram, desenvolveram-se. Nessa perspectiva, a crítica torna-se pertinente, já que busca os meios e as condições de suas formulações a favor de quem se formulou tais valores.

Contudo, o criador dos valores precisa de um elemento de diferença, um tipo de vontade criadora, uma vontade aristocrata, nobre, que possa possibilitar a fomentação de uma autoridade que o coloque diante dos valores com a capacidade de martelá-lo, ou seja, que ele possa recusar os fundamentos, os preestabelecimentos, ou não poderá criar. O cortar e martelar os valores estabelecidos e tradicionais não podem ser postos como uma mera destruição, uma ação banal que apenas colocaria em ruínas as concepções antigas/metafísicas, à mercê de uma espécie de relativismo.



O martelar os valores tradicionais é uma forma de derrubar padrões estabelecidos como verdades fixas, mostrar algo que se nega na aparência de um valor superior, de um bem supremo. Tal ação do cortar/martelar e, portanto, uma ação criadora, uma vontade plástica. É, então, para Nietzsche um projeto de construção de novas tábuas valorativas, em que o projeto ou o procedimento genealógico se articula com a possibilidade de uma transvaloração dos valores. Essa ação fomenta ligações com a metamorfose da criança, em Zarathustra. A criança como imagem da criação de novas metas e de novos valores. Essa força diferencial do criador, que quer determinar, legislar insere o genealogista na paradoxal história do homem para se elevar além de si mesmo.

O criador que compõe tal elemento diferencial pressupõe um *pathos de distância*, um para-além do tipo gregário, massificado, uniforme, que legisla e justifica o poder da generalidade. Sua ação não tem justificativas, pois ela se justifica em si mesma, em sua própria ação plástica e plasmadora, e para isso o criador tem que arriscar, tornar estranhos os valores estabelecidos, se afastar do comum, do que seja massificado e sem problemas, e para isso também é necessário ser um imoralista. Assim, o genealogista se propõe, de algum modo, a reinterpretar e inventar o sentido de uma interpretação que funda e que se coloca dominante, pois os valores tomados como dados nunca podem ser vistos como textos, mas como interpretações, um estado de lutas e forças permanentes.

### III

A genealogia como um procedimento metodológico não se esquia do entendimento do processo histórico, no sentido de problematizar suas modificações e seus deslocamentos referentes aos valores morais.

A genealogia, um indispensável demorar-se, marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona, espreitá-los lá onde menos os esperava e naquilo que é tido como não possuído história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos; apreender seu retorno não para traçar a curva lenta de uma evolução, mas para reencontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos; e até definir o ponto de sua lacuna. [...] Fazer a genealogia dos valores, da moral [...] será, ao contrário, se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade, esperar ver surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde elas estão, escavando os basfond; deixar-lhes o tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma versasse as manteve jamais sob sua guarda (Foucault, 1970, p. 15-19).

Por isso, Nietzsche investiga de forma cautelosa e minuciosa os valores morais, buscando apreender os sentidos, os contornos e os cenários em que eles se desenvolveram, pois a genealogia ocupa-se do surgimento e do desenvolvimento do processo de interpretação de tais valores, assim como aprofunda a crítica da moral ao perguntar por “quem” o escravo ou o nobre efetiva a interpretação, quem determina o interesse interpretativo dos valores?

Esse procedimento investigativo pretende mostrar que a moral não possui uma essência eterna e universal, ao contrário, ela é formada a partir das interpretações que envolvem interesses, saberes e poderes socioculturais. Com isso, o estudo genealógico pretende denunciar os

fundamentos que constituíram os valores morais e como eles foram metamorfoseados e dissimulados. Tal procedimento procura despontar e constatar a quem e quais as tendências que mascaram e dissimulam os valores morais, como também, quais os interesses que os sustentam ou quais as forças que pretendem afirmação. Afirma-se que a genealogia traz à luz a constituição dos valores morais, as forças atuantes e os conflitos travados para a imposição e emergência de um determinado tipo de avaliação.

Nietzsche, em sua obra *A genealogia da Moral*, fomenta uma discussão que se constitui por uma espécie de desconstrução quanto ao significado dos conceitos *bom* e *mau*, tanto em relação a sua procedência quanto em sua efetividade em termos de significação.

Para o estudo dessa questão, Nietzsche usou a tática de colocar em evidência os motivos reais e subjacentes à criação dos valores, a partir dos estudos empreendidos pelos moralistas ingleses, que apontavam a utilidade como muitas condutas morais. Porém, ele reconhece a fragilidade dessas argumentações e procura combatê-las. É bom lembrar que Nietzsche não pretende *negar* o valor das análises desses estudos feitos, de modo especial, pelos ingleses.

Paul Rée, assim como os ingleses, em seu livro intitulado *A origem das impressões morais*, escrito no ano de 1877, também se engana em relação à gênese das questões morais ao colocar o útil como preocupação. Porém, foi com essas publicações, que Nietzsche sente grande disposição para publicar suas primeiras ideias a respeito das questões morais.

No estudo dos genealogistas ingleses, Nietzsche encontra como problema a busca da origem do conceito de *bom* naquilo que, primeiramente, foi útil e nas ações não egoístas, que, com o passar do tempo, com o hábito e com o esquecimento, foram consideradas boas em si.

Para Nietzsche, esses genealogistas fizeram suas análises de forma a-histórica e, portanto, suas argumentações se perderam na falta de documentação precisa.

Conhecendo a fragilidade das análises, ele busca outra interpretação que vai para além dos procedimentos históricos tradicionais e metafísicos, e assim, atentos para uma pesquisa atenciosa a capturar a identidade, aquilo que se mistura e não se mostra, o que aparentemente está imóvel, despercebido. Ele vai até a história para entendê-la em seus movimentos, uma vez que no ato de manifestação de algo, há sempre o que é negado, escondido, disfarçado e dissimulado.

[...] apreender a racionalidade da moral significa compreendê-la historicamente, e o termo história significa aqui 'reconhecimento de material, formulações e classificações conceituais de um imenso reino de delicados sentimentos e diferenças de um valor que vivem, crescem, procriam e perecem e, talvez, tentativa de mostrar com clareza as configurações mais frequentes e que mais se repetem dessa cristalização vivente (Giacoia, 1995, p. 85).

É por isso que na leitura de Foucault (1979) a genealogia não pretende remontar à origem, àquilo que deseja a verdade; ao contrário, a mesma possibilita o conhecimento que a recobre, pois naquilo que quer ser verdade pode estar o erro.

Por que Nietzsche genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa da origem? (Ursprung). Por que, primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa, sua mais pura possibilidade, sua

identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira. Ora, se o genealogista tem o cuidado de escutar a história em vez de acreditar na metafísica, o que é que ele aprende? Que atrás das coisas há “algo inteiramente diferente”: não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de uma figura que lhe eram estranhas [...]. A alta origem é o “exagero metafísico” que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial (Foucault, 1979, p. 17-18).

A história tende a fixar os costumes e com eles os valores morais, sem refutação, são postos como inquestionáveis. Para o genealogista, a história é luta de forças e poderes, que estão guerreando constantemente, e não obedece a uma mecânica e a nenhum campo teleológico. A genealogia, por isso, quer reconhecer esses campos de forças e lutas, pois:

A genealogia não se opõe à história como visão ativa e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias (Foucault, 1979, p.16).

Com isso, o genealogista procura compreender um fenômeno a partir da constituição de seus movimentos tensionais e históricos, de suas modificações, deslocamentos e forças na apropriação e efetivação dos valores. Por isso, questões fundamentais são postas, tais como: Quem foi que sustentou a valoração do *bem* e do *mal*? Qual a sua expressão? O que fundamenta o *bom* e o *ruim* como valor?

Nietzsche quer levantar o passado e a força que atravessa a moral do homem, na tentativa de observar as condições e poderes que a colocaram em vigor.

Nietzsche pretendia dar respostas às más argumentações a respeito da moral; assim, procurou colaboradores para poder percorrer a questão da moral com novos olhos e novos pés na tentativa de perceber as condições que a fundamentaram. Em torno dessa preocupação, ele estabelece para a filosofia a questão dos *sentidos* e do *valor*, promovendo um novo olhar para o entendimento da moral, onde procura excluir a moral como fato, algo absoluto, estabelecendo-a como interpretação e afirmando que “não existem fenômenos morais e sim uma interpretação moral dos fenômenos” (Nietzsche, 1992, p. 73). Para ele, as coisas instituídas têm sentidos e valores a partir das avaliações humanas. A crítica genealógica dos valores morais procura pelas forças que se manifestam e que se escondem no ato de interpretação.

O pensador como filólogo pretende, por meio da pesquisa, verificar os contornos, as barreiras, os véus que escondem determinadas linguagens. A genealogia quer saber “quem fala” e a filologia que saber “como se fala” (Blondel, 1998, p. 121-122).

Os conceitos de *sentido* e de *valor* promovem uma nova visão de compreensão dos valores, pois estabelecem uma inversão crítica, permitindo

tomar o valor não como algo dado, efetivado, como foi referido anteriormente.

Nesse contexto, os valores, de um lado, delineiam as avaliações e, por outro, edificam uma avaliação que se constitui a partir das interpretações humanas. No entanto, se o problema procede de sua criação, então de onde vem a avaliação? Nietzsche, ao colocar a crítica como elemento de compreensão dos valores, não se contenta apenas em referenciá-la, ele vai além quando pergunta qual o valor que está por trás da avaliação e qual é a avaliação que determina tal valor. Tal inversão possibilita olhar os valores como construção cultural e social.

Por tudo isso, Nietzsche reafirma a sua crítica aos moralistas ingleses, na medida em que estes, ao pontuarem que os valores derivam daquilo que vale para todos, sendo o seu critério a utilidade, negligenciam os seus questionamentos. Contudo, essas análises são postas à prova, pois ele levanta um questionamento: quem toma como critério a avaliação da utilidade, o escravo ou o nobre? O que faz a utilidade ser um critério avaliador? No seu livro *A genealogia da Moral*, ele denomina esses moralistas de superficiais, por fazerem uma análise grosseira da moral, por não se darem ao trabalho de questionar o valor dos valores, por não argumentarem e não formularem perguntas. Com isso, Nietzsche percebeu o desconhecimento do próprio homem em se ver como criador, construtor, intérprete e provedor de avaliações.

Nietzsche entende que os valores morais são somente uma linguagem simbólica ou uma sintomatologia<sup>2</sup> de nossos afetos. A interpretação

---

<sup>2</sup> É possível notar que para Nietzsche não existem valores absolutos, até mesmo tais conceitos que são ditos como absolutos também são criados, constituídos, inventados a partir de um jogo interpretativo. Os conceitos, assim, são criados para ordenar, classificar, moldar, construir vivências, que pela repetição, são designados por palavras, sentidos, afetos. Então, é preciso nomear experiências, repetir ações, comunicações, vulgarizar

genealógica a vê como sinais ou como sintomas de impulsos, que indicam que o *bem* e o *mal* podem ser vistos como uma obstrução ou promoção da vida, degeneração ou plenitude, força ou declínio da vida. Por isso, ele insiste em fomentar a crítica reflexiva dos valores morais para poder verificar o valor que obstrui ou promove a vida, pois compreende que as análises a respeito dos valores morais remetem para um modo de valorar coletivo ou mesmo para um modo de valorar absoluto em que a vida pode ser depreciada. De toda forma, mesmo que se queira dizer não às interpretações, nada sai para fora delas.

Observa-se a inversão efetivada por Nietzsche em criticar os valores, na medida em que a pergunta não é sobre os valores existentes, mas sobre o valor desses valores, o que afirmam ou o que negam, pois para ele os valores se justificam e se modificam dentro de um contexto moral. É pertinente perguntar pelo valor da própria moral, pois segundo o filósofo, eles podem se apresentar como “consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal entendido, mas também como causa, medicamento, inibição, veneno” (Nietzsche, 1998, p.12). Com o exposto, fica compreensível a preocupação nietzschiana referente ao valor da moral, no que diz respeito à busca pelas raízes desses valores.

---

hábitos, expressões para que algo tenha certo privilégio e se converta, por exemplo, em linguagem, em gramática. Aquilo que se pode chamar de realidade é para Nietzsche, um conjunto de sintomas, de forças, ações, reações que multiplicam forças e comandos. E é neste jogo que cada vivente pretende ser senhor das coisas, para isso ele também lança mão do uso do intelecto, pois, o conhecer tem a sua instrumentalização, a sua utilidade, o seu poder, como forma de estabelecer domínio, comando, isto é, no contexto de interpretações. A grande fomentação de conceitos, de formas, de modos, de linguagens, de valores, vão se juntando uns com os outros, formando cadeias interpretativas sobre o mundo, sobre o vivente, não possuem em si qualquer valor do que seja o real, antes são vistos como sintomas que determinam a forma da vontade, o poder da linguagem, dos afetos, conferindo uma determinada interpretação que pode ter um poder fundamental para mostrar “a



## IV

Nessa busca genealógica, Nietzsche constata que em todos os povos e em todas as épocas sempre existiram dois tipos de moral: a moral dos senhores, aristocratas, nobres, fortes, e a moral dos escravos, fracos, doentes, ressentidos. Na moral dos senhores, nobres, aristocratas, o conceito de *bom* se constitui a partir de si mesmo, de sua afirmação. Do ponto de vista do senhor, do nobre, do forte, o ruim é uma criação secundária. Já a moral dos escravos, dos fracos, dos ressentidos, que vê a moral dos senhores e sua virtude desfavoravelmente, desconfia de tudo o que é bom, o que é honroso. Daí sua oposição ao nobre, que é concebido como *mau*. A partir dessa ideia, como antítese, chega à concepção de *bom*. O *mau* para o ressentido é uma criação primeira, ou seja, o fraco só consegue afirmação negando o forte, a quem não pode se igualar.

Nietzsche mostra que os valores decorrem do nobre e do escravo; são esses tipos que imprimem avaliação dos valores, pois expressam o modo de ser daqueles que atribuem valores e avaliação; porém, é o *pathos de distância* que toma para si a criação dos valores, ou seja, é a partir do sentimento de superioridade que os nobres se instituíram os criadores dos valores.

O *pathos* da nobreza e da distância, como já se disse, o duradouro, dominante global de uma elevada estirpe senhorial, e sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” – eis a origem da oposição “bom” e “ruim” [...] os nobres, poderosos, superiores em oposição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em

---

interpretação”, não sendo “uma interpretação”, mas, uma espécie de verdade em si, que estão fora de qualquer interpretação. Mas, para Nietzsche, os valores são sintomatologia dos afetos. Assim, o papel da genealogia será buscar o entendimento desses sinais e de determinadas interpretações, sentidos, signos, que possam indicar as forças em ações, em comandos.

oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Desse *pathos* de distância é que eles afirmaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes para os valores (Nietzsche, 1998, p. 19). E, como Nietzsche coloca, é a partir do sentimento de superioridade e da distância frente ao outro que o nobre se julga com o poder de atribuir significados, sentidos, apreciações, avaliações e criações. Assim, a criação dos valores não se refere à utilidade, mas à superioridade que faz do nobre se sentir um legislador.

A origem dos valores está vinculada aos senhores, aos nobres, remetendo-os a um sentimento interno de superioridade, que os fazem pronunciar e anunciá-los a partir de si mesmos. A mesma pergunta pode ser conferida a respeito de sua transformação referente a outros valores, os quais Nietzsche coloca como relacionados à espécie inferior e baixa, pois os valores podem provir tanto do nobre quanto do escravo. Assim, podem-se encontrar avaliações diferentes e divergentes com relação aos valores e à moralidade, bem como constituições diferenciadas de tipos humanos. Por isso, a genealogia busca referenciar a gênese que fundamenta a criação dos valores, mostrando certo distanciamento para, a partir dele, analisar e apontar as condições de sua criação, que coloca como proveniente de uma espécie nobre e de outra escrava.

Uma das preocupações deste autor foi indagar o que move tais avaliações e qual o sentido que determina, ou não, tal valor. O que fundamenta uma avaliação nobre ou escrava? Ele mesmo justifica que seria a vontade de potência, que não é uma coisa, um em si, mas um jogo de forças, de comandos, de interpretação, um apoderar-se, essas são as condições que mostram o aparecimento do valor dos valores morais e são essas questões que impulsionam tal avaliação. Mas o que movimenta tal

vontade que escolhe pela nobreza, pelo forte ou pelo fraco, pelo vulgar é a expressão de um movimento impulsionador das forças que procuram se diferenciar e afirmarem-se, a partir do jogo de forças. A vontade de potência<sup>3</sup> é que constitui o elemento diferenciador das forças, sendo que a mesma se faz como elemento norteador, que determina a relação de uma força contra a outra, pois é ela que efetiva o ato de criar e impor a produção dos valores morais. Daí o motivo de Nietzsche recorrer à história para precisar o trabalho do genealogista, que diferente de uma história tradicional, que deseja reconstituir o passado, o genealogista faz um trabalho meticuloso que o faz fugir de toda e qualquer simplificação. Servindo-se da história destaca que a moral não é um em si, algo transcendental, fora do mundo e dos jogos de interpretações e poderes. “Para o genealogista, o conhecimento histórico, tanto em sua produção, quanto em sua utilização – por exemplo, para oferecer um ‘caráter inteligível’ ao mundo –, só faz sentido como parte e ramificação de uma vontade de poder” (Paschoal, 1999, p. 40), que não deixa de ter ligações com a força que seria entendida, aqui, como mecanismo que confere sentido à realidade, afirmando-se como dominante. É bom lembrar que para Nietzsche não existe apenas uma força, há, também, vários sentidos que dependem daquele que se apropria. Assim, a vontade de potência pode ser entendida como o elemento genealógico das forças.

<sup>3</sup> Wolfgang Müller-Lauter traduz a expressão *Wille zur Macht* por vontade de poder, que “não é um caso especial do querer. Uma vontade em si, é uma pura abstração: ela não existe factualmente. Todo querer é, segundo Nietzsche, querer algo. Esse algo posto, essencial em todo querer é: poder, vontade de poder. Alargamento de poder se perfaz em processo de dominação. Por isso, querer poder é não é apenas desejar, aspirar. A ele pertence o afeto do comando. Comando e execução pertencem ao um da vontade de poder. Assim, é designado por meio do efeito que ele exerce e a que resiste [...]. Não apenas naquilo que domina e em que estende seu domínio se exterioriza a vontade de poder, mas também no domínio e submisso. Mesmo o relacionamento do que obteve para com aquele que domina tem de ser entendido como um resistir [...] também o homem é, no fundo – em qualquer que seja o modo de relação – vontade de poder” (1997, p. 54-55).

As forças estão sempre em relação umas com as outras, envolvendo-se de maneira desigual. Cada uma das forças se relaciona com outra para comandar ou obedecer. Pois como diz Marton,

A força simplesmente se efetiva, melhor ainda, é um efetivar-se. Atuando sobre outras e resistindo a outras mais, ela tende a exercer-se o quando pode, quer estender-se até o limite, manifestando um querer-*vir-a-ser-mais-forte*, irradiando uma vontade de potência [...]. A vontade de potência aparece agora como explicitação do caráter intrínseco da força. Querendo-*vir-a-ser-mais forte*, a força esbarra em outras, que lhe opõem resistência, mas o obstáculo constitui um estímulo. Inevitável, trava-se a luta por mais potência. Não há objetivos a atingir; por isso ela não admite trégua nem prevê termo. Insaciável, continua a exercer-se a vontade de potência. Não há finalidade a realizar; por isso ela é desprovida do caráter teleológico. (Marton, 2003, p. 62-63).

Para o filósofo, há uma hierarquia entre elas, pois umas são reativas<sup>4</sup> e outras são ativas<sup>5</sup>. No entanto, essa hierarquia é apenas uma organização, pois, de fato, ambas estão em luta constante e estão guerreando para mostrar sua força, sua vontade. E é nesse processo dinâmico que elas se modificam,

<sup>4</sup> Toma-se uma leitura particular de Gilles Deleuze. “O que define um corpo é esta relação entre forças dominantes e forças dominadas. Toda relação de forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político. Duas forças quaisquer, sendo desiguais, constituem um corpo desde que entram em relação; por isso o corpo é sempre o fruto do caso, no sentido nietzschiano, e aparece como a coisa mais ‘surpreendente’, muito mais surpreendente na verdade do que a consciência e o espírito [...]. O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças [...]. Em um corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas ativas e as forças inferiores reativas. Ativo e reativo são precisamente as qualidades originais que exprimem a relação da força com a força [...]. As forças inferiores, apesar de obedecerem, não deixaram de ser forças, distintas das que comandam. Obedecer é uma qualidade da força enquanto tal e refere-se ao poder tanto quanto

nesse insaciável exercer. Cada força é dotada de uma vontade de querer e dominar outra força.

Há uma pluralidade de forças agindo, dominando, subjugando, cujo querer faz delas sua vontade, sua manifestação, seu impulso, seu querer. A vontade de potência se institui como o móvel para o agir, para transformar, afirmar e criar, pois se mostra como pulsão instigadora da própria vida. A vontade de potência se mostra como construtora da moral, pois é por meio dela que as forças, os valores morais querem expansão, afirmando-se no fora e para fora, impondo a sua maneira de valorar, pois, como diz Marton, “o conceito de vontade de potência desempenha papel de extrema relevância: é elemento constitutivo do mundo e, ao mesmo tempo, parâmetro no procedimento genealógico” (2003, p. 64). Essa vontade de potência tanto pode afirmar como negar a vida, como força ativa ou reativa, e é por isso que Nietzsche afirma que o mundo é definido por forças, em constante jogo e que o homem comanda e comandado por elas. Assim, homem e mundo não podem esvaziar-se desse processo de luta, ao contrário, pois se fundamentam por meio dessa vontade de potência.

Tal vontade de comandar, que é a base das avaliações e interpretações dos valores, bem como a moralidade que se institui pelo comando dessa vontade, não são instituídas, dadas, ao contrário, são construções que se expressam a partir de um impulso vital interpretativo, que fomenta as bases

---

comandar [...]. As forças inferiores definem-se como reativas, nada perdem de sua força, de sua quantidade de força, exercem-na assegurando os mecanismos e as finalidades, preenchendo as condições de vida e as funções, as tarefas de conservação, de adaptação e de utilidade [...]. Só podemos captar as forças reativas naquilo que são, isto é, como forças e não como mecanismos ou finalidade, se as referimos aquela que as domina e não é reativa” (Deleuze, 1976, p. 33-34).

<sup>5</sup> “As forças ativas por natureza elas escapam à consciência; a grande atividade principal é inconsciente. A consciência exprime apenas a relação de certas forças reativas com as forças ativas que as dominam. A consciência é essencialmente reativa; por isso não sabemos o que um corpo pode, de que atividade é capaz. [...] A atividade das forças, necessariamente inconsciente, é o que faz do corpo algo superior a todas as reações, em

da valoração. A moral e os valores são interpretados a partir dessas forças. A combinação de forças trará diferentes formas de acontecimentos valorativos.

É na busca da compreensão dessas duas forças que Nietzsche quer retirar o véu que encobre os diferentes deslocamentos avaliativos e interpretativos permeados pelo jugo da linguagem. Não sendo possível descrever a essência dos conceitos *bom* e *mau*, pode-se, entretanto, mostrar a lógica que constitui tal processo, como diz em sua obra *Crepúsculo dos ídolos*, com o entendimento acerca da paz de espírito:

Eis um exemplo, bastante provisoriamente. Sempre se quis “melhorar” os homens: sobretudo a isso chamava-se moral. Mas sob a mesma palavra se escondem as tendências mais diversas. Tanto o *amansamento* besta-homem como o cultivo de uma determinada espécie de homem foram chamados de “melhora”: somente esses termos zoológicos exprimem realidades – realidades, é certo, das quais o típico “melhorador”, o sacerdote, nada sabe-nada quer saber...Chamar a domesticação de um animal sua “melhora” é, a nossos ouvidos, quase uma piada [...] (Nietzsche, 2006, p. 49-50)

Neste exemplo, os diferentes signos linguísticos levam a diferentes interpretações; por outro lado, envolvem diferentes forças que lutam para instituir suas concepções e posições. Na fomentação da moral não é diferente, pois ela é “apenas linguagem de signos” (Nietzsche, 2006, p. 48).

---

particular, a esta reação do eu que é chamado de consciência [...]. As forças ativas do corpo fazem do corpo um si e definem o si como superior e surpreendente [...]. O que é ativo? Tender ao poder. Apropriar-se, apoderar-se, subjugar, dominar são as características da força ativa. Apropriar-se quer dizer impor formas criar formas, explorando as circunstâncias” (Deleuze, 1976, p.34-35).

Nietzsche afirma que em todas as épocas se quis melhorar o homem e que para esse feito deu-se o nome de moral, que se mostra também como forma de governo, de limitação, de punição. Sob o mesmo nome de moral, se esconderam as tendências mais díspares, no que diz respeito à domesticação do homem e à negação da vida, em nome do melhoramento da humanidade. Em meio a tudo isso, houve pouca preocupação pelo real fundamento da moral e pelo que está por trás de determinados valores e sobre o seu sentido e sua apreciação.

## V

Com uma crítica radical dos valores, Nietzsche (2002) coloca-os sob a base do questionamento e da reflexão crítica, buscando os elementos avaliadores e construtores dos mesmos. Para o filósofo, os valores, não são eternos ou advindos como algo além do próprio homem, pois tudo que existe no mundo tem atribuição valorativa por meio dos sentidos e afetos interpretativos humanos. Assim, projetar os valores morais na perspectiva do suprassensível é, de certa forma, contribuir para o reforço de um pensar ingênuo e dogmático, o que leva a conservar determinada ordem do poder ou negligenciar o poder destrutivo e construtivo da análise.

Neste sentido, o modo de pensar de Nietzsche (2002) constrói uma via criadora para a abertura da compreensão dos valores morais e suas raízes emergentes. A destruição e construção dos valores, por meio do elemento crítico avaliativo, mostram movimentos para pensar que o homem fomenta os valores, criando, derrubando e edificando tábuas valorativas. Com isso, este homem ergue-se para novas esferas existenciais, promovendo modificações no próprio sentido de valorar.

Envolvido pelo ato de criação valorativa, é possível entender que no interior de uma comunidade, de uma sociedade, os valores se manifestam e se refazem na movimentação de determinadas forças que atuam para a sua manifestação. Do mesmo modo, o homem, ao sentir que é participante da criação dos valores, não pode colocá-los na esfera do dogma e da cristalização, ao contrário, a sua participação e criação na construção dos valores o refaz, o recria, colocando em destaque a apreciação de sua própria criação.

A atitude de se ver como criador de valores pode oferecer finalidade para a saída da confinção da obediência resignada a determinados mandamentos e regras para experimentar a vida no que há de belo ou mesmo no que há de assustador, dizendo sim a ela. Como criador, o homem pode assumir, para si e para a vida, novas atitudes, novas medidas, estabelecendo novos pesos e contornos para a sua existência, sendo capaz de se perceber na dinâmica histórica e cultural.

Assim, o aspecto genealógico lança mão dos materiais históricos, subsídios, formulações para compreender os diferentes sentidos valorativos que podem levar, ou não, a vida para movimentos ativos ou reativos, assim como, é possível entender que a fomentação de determinados valores contribuem para o aparecimento de tipos humanos (forte/fraco) que, conseqüentemente, elaboram formas de moral e valoração que podem ou não serem a favor da vida.

Dessa forma, empreender o procedimento genealógico para compreender a criação dos valores morais é, ao mesmo tempo, entender a dinâmica da conduta humana e suas convenções sociais. Essas convenções, por outro lado, mexem de forma aguda com o caráter, o sentido, o



comprometimento e as paixões, levando-os a assumir determinadas formas de ser no aspecto individual e social.

Os valores fazem parte de um determinado costume social que levam os homens a se conduzirem no mundo, e consigo mesmos. Estes homens envolvidos pelos valores, muitas vezes, os naturalizam, deixando a reflexão negada, e aceitam determinadas práticas morais em suas vidas, sem questionamentos, o que permite a petrificação de normas e regras. Com o objetivo de colocar essas análises à tona, Nietzsche não se nega em mergulhar neste terreno pantanoso como forma de pensar outras perspectivas para o homem e para vida. Sua análise permite que se veja o mundo e a vida por outras linhas, movimentando as existências por vias criativas, dando a possibilidade de se pensar outros modos de vida.

Concluindo: “Criar – eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação” (Nietzsche, 2011, p. 82).

### Referências

- AZEREDO, V. D. de. As transmutações do espírito. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Encontros Nietzsche*. 1.ed. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003, p.72-87.
- BLONDEL, E. As aspas de Nietzsche: Filologia e Genealogia. In: MARTON, S. (org.) *Nietzsche Hoje?* 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 110-139.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Edmundo Fernandes Dias. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976, p.1-170.
- FOUCAULT, M. *A genealogia e a História*. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. 16.ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979, p.15-37.
- GIACÓIA, O, J. *Nietzsche*. 1.ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p.11-92.

\_\_\_\_\_. Filosofia como diagnóstico do presente: Foucault, Nietzsche e a genealogia da ética. In: MARIGUELA, M. (org). *Foucault e a destruição das evidências*. 1.ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1995, p.81-100.

MARTON, S. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1993, p. 7-119.

\_\_\_\_\_. *A Filosofia como tarefa, missão e destino*. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/A-Filosofia-como-Tarefa-Miss%C3%A3o-e-Destino-Scarlett-Marton.pdf>>. Acesso em 14 de abril de 2000, p. 1-3.

MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 1997, p. 11-156.

NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p.11-359.

\_\_\_\_\_. *Así habló Zaratustra: Un libro para todos y para nadie*. Trad. Andrés Sánchez Pascual. 5. ed. Madrid, Alianza Editorial, 2002, p. 7-498.

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.7-154.

\_\_\_\_\_. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.9-350.

\_\_\_\_\_. *A genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.7-179.

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do Mal: prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. Paulo César de Souza. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992, p. 7-271.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 5-464 (Os Pensadores).

PASCHOAL, E. A. *A dinâmica da vontade de poder como proposição moral nos escritos de Nietzsche*. (Tese de Doutorado.) Campinas: Unicamp, IFCH, 1999, p.1-258.